



PARA O ENSINO DE HISTÓRIA: ENTRELAÇANDO GÊNEROS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS.

Autor (1); Maria Aldeizy Ferreira Silva; Co-autor (2); José Thiago Silva Dos Santos Co-autor (3); Velbiane Luzia Da Silva Chaves Co-autor (4); Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno

Autor (1); Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: alldeizy@hotmail.com

Co-autor (2); Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: josethiagosilvas@gmail.com

Co-autor (3); Universidade Estadual da Paraíba, Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. E-mail: velbiane@gmail.com

Co-autor (4); Professor da Universidade Estadual da Paraíba, Coordenador do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, subprojeto História.

RESUMO: Nesse artigo analisamos a importância das relações e discussões de gênero e relações étnico-raciais, trazendo estas para o ensino de história. A priori, discutimos o tema de forma geral em uma oficina pedagógica realizada no ensino médio e em seguida discutimos especificamente sua importância na sociedade ao qual alunos estão inseridos, trazendo sentidos e significados para o alunado tendo como base o História do Brasil, criando paralelos entre passado e o presente.

Palavras-chave: Gêneros, Relações Étnico-Raciais, História do Brasil.



INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a proposta de relatar as experiências tidas na oficina, realizada na Escola Monsenhor Emiliano de Cristo, no qual o PIBID UEPB CAMPUS III desenvolve o seu projeto, sempre com o intuito de poder contribuir para o crescimento educacional da escola dando ênfase a disciplina de história, com este intuito nós que fazemos parte deste projeto que é de iniciação à docência, projeto este que nos incentiva a estar inserido na educação, assim como também buscar outras fontes e metodologias para inovar o ensino em sala de aula, neste contexto no qual se esboça, foi planejada a oficina Gênero, sexualidade e Relações Étnico – Raciais, tendo como tema “Vamos falar sobre eles?”.

A partir desta pergunta que foi o tema da oficina, começamos a perguntar se eles/as desejavam falar destes sujeitos que estariam presentes nas relações Étnicos- Raciais, Gênero, Sexualidade e todos aceitaram a discutir estes assuntos, até por que são assuntos que devem ser abordados em sala de aula, devido ao número crescente de preconceito referido a estes sujeitos, por vezes a falta de esclarecimento sobre a temática, gera preconceito, ressaltando que mesmo não havendo esclarecimento, é recorrente preconceitos nos corredores da escola e até em sala de aula.

A oficina parte da motivação no qual percebemos no cotidiano das aulas que haveria uma necessidade de discutir na turma 3º ano B, sobre estas temáticas, para que viessem a tirar algumas dúvidas e até mesmo a abranger seus pensamentos, ou seja, havendo um processo de desconstrução dos padrões normativos que a sociedade vai nos incumbindo, nos ditando o que é “certo” e “errado”, nos conduzindo à modelos heteronormativos (MISKOLCI, 2012). Assim como Michel Foucault fala sobre os corpos dóceis; sobre os corpos que vivem sobre a constante disciplina (VIGIAR E PUNIR, 1987). Portanto, entendemos que a escola também é este espaço que disciplina, que produz modelos padronizados, e cabe ao corpo docente tentar desestabilizar estas normas.



A oficina vem com o intuito de desconstruir as normas coladas na sociedade. A escola e a sala de aula são ambientes propícios para haver tais discursões já que, é um ambiente voltado para o aprendizado e a formação de cidadãos e cidadãs na sociedade, construindo juntamente com os discentes pensamentos que levem a serem sujeitos abertos aos mais diversos tipos de conhecimento, o autor (GOELLNER, 2003, p. 37) coloca muito bem o espaço da escola como um ambiente propício para o aprendizado no qual ele diz:

A escola passa a ser observada como um espaço privilegiado para atuar na interiorização de hábitos e valores que pudessem dar suporte à sociedade em construção: uma escola capaz de preparar os indivíduos moral e fisicamente tendo por base educação do corpo, isto é, uma educação suficientemente eficiente na produção de corpos capazes de expressar e exibir os signos, as normas e as marcas corporais da sociedade (GOELLNER, 2003, p. 37).

“A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. ” (LOURO, 1997) Ou seja, é no espaço escolar que as normas, regras e padrões vão se instituindo e moldando os sujeitos, fabricando corpos educados e ditando o que é “certo” e “errado”. Nesta perspectiva é possível perceber que há um processo de construção de identidades de gênero, que a escola é um agente fundamental neste processo e que também ela mesma, a escola, é produtora de preconceitos.

É perceptível o crescente discurso sobre identidade de gênero, notamos isto sejam através das mídias, redes sociais, falas do cotidiano, etc. Então surge uma grande problemática: como os/as alunos/as do ensino básico estão recebendo estas informações? São construídos estereótipos com relações de poder, cabe aos/as professores/as não apenas reproduzir conteúdos, mas produzi-los juntamente com os/as discentes, Jane Felipe comenta:

A escola, como um espaço social importante de formação dos sujeitos, tem um papel primordial a cumprir, que vai além da mera transmissão de conteúdos. Cabe a ela o conhecimento de seu corpo discente, bem como dos demais sujeitos que por ela transitam (professoras/es, funcionários/as, familiares, etc.). Para que a escola cumpra a contento seu papel é preciso que esteja atenta às situações do cotidiano, ouvindo as demandas dos alunos e alunas, observando e acolhendo seus desejos, inquietações e frustrações. (PNC)



É a partir destas perspectivas que buscamos elaborar dentro da sala de aula, métodos que possam expandir os leques sobre gênero e diversidade sexual, a qual corrobora para a tentativa de quebra de preconceitos e racismos, elucidando as múltiplas linguagens sobre o corpo. Miskolci (1987) comenta:

Considero que seria mais promissor tirar a própria heterossexualidade da sua zona de conforto, trazer ao discurso suas normas e hegemonia cultural centrada nela, de forma a questionar até mesmo o que seria normal. (p. 17)

Trabalhar conteúdos como estes, é desestabilizar a norma. A educação tende de homogeneizar e enquadrar os seres humanos, cabe aos educadores e nós que estamos envolvidas e envolvidos neste projeto, tecer linhas de fuga, considerando as diversas culturas existentes e analisando as diferenças que existem nos considerados grupos ‘subalternos’ dentro da escola.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a oficina onde os discentes falavam sobre, “O que é misoginia? O que é homofobia? O que é racismo? ”, atividade essa grupal onde eles analisavam as perguntas criando assim uma teia de conexões e informações com os desdobramentos das atividades. Foi colocado suas experiências, homofobia, presenciando cenas na vida cotidianas, o racismo alunos que foram vítimas de racismo, misoginia casos que aconteceram na família, no entanto vemos que estes assuntos discutidos em sala de aula abraße o espaço para que os alunos exponham o que passam no cotidiano, a história no tempo presente.

Dando sequência metodológica a atividade exibimos o documentário “O riso dos outros” – Pedro Arantes, tendo a proposta de exibir o documentário e proporcionar aos discentes uma reflexão sobre essa passagem: “é só uma piada”, que tinha no documentário, mas que por trás dessa frase teremos um perpetuamento de discursos (misóginos, racistas, homofobicos). Com estas práticas pedagógicas sendo realizadas, os discentes iriam fomentando a sua intelectualidade, e para que pudéssemos ainda mais a contribuir para intelectualidade dos discentes, apresentemos uma um trecho do livro de Louro, Guacira



Lopes, *Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004, 92 p. No qual essa página deste livro, vinha abordando sobre o corpo, a padronização dos corpos impostos pelo sistema que vivemos, e que por vezes não percebemos que somos encarcerados neste sistema que nos inibir, e vem ditar o que certo e errado, o texto foi colocado para fundamentação teórica e os discentes poderem discutir, assim como ocorreu esta discussão a partir do livro de Guaraci Lopes.

Para homogeneizar as discussões finalizamos com uma dinâmica estar que proporcionou ver gesto de carinho, de pessoas do mesmo sexo com o olhar de normalidade, já que antes, se isso ocorre era motivos de “risos”, utilizamos a música “Toda forma de amor” – Lulu Santos, onde os discentes ficaram em pé, escolheu um a pessoa do mesmo sexo para ficar ao lado, e a música sendo executada, e nos intervalos pedimos que realizasse um gesto de carinho com a pessoa que estava ao seu lado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram as experiências vivenciadas e evidenciadas nas atividades e cotidiano da oficina que possibilitou a produção desse trabalho. Relatórios de atividades foram realizadas no decorrer da oficina com os alunos na finalidade de fazer uma análise das ações do projeto na escola. Como resultado podemos tirar nos relatos a importância e as impressões que ficaram nos alunos e professores que participaram das atividades.

O documentário sutilmente feito, após ser exibido ouviu-se uma série de discussões, em relação às piadas geradas sobre esses temas, o quanto as pessoas riam, ao saber que era uma forma de discriminação, então quando eles começaram a entrar na discussão sobre o riso gerado nas piadas tendo preconceito com as mulheres, homossexuais, lésbicas, negros, e no entanto temos a oportunidade de fazer a relação do vídeo com a escola, apresentando pelas inúmeras vezes, não se teve piadas sobre essas pessoas que tem no ambiente escolar, piadas mal intencionadas, que não respeitam o outro e até mesmo a opção sexual que o outro tem, e no tempo que perguntamos, qual motivo de “rir” pela opção do outro? Ou até pela sua etnia? Até que ponto chega o bom senso do outro? “rir por opção, pela etnia, então nesse momento no qual houver essas discussões, começaram a relatar experiência do cotidiano até mesmo dentro da



escola, na sala de aula, e nestas experiências que expuseram, ressaltamos que isso poderia ser mudado, a partir de cada um deles, que deveria haver se mas respeito com a etnia do outro, com a opção sexual que sujeito teria feito a escola, e assim que a oficina não terminasse em quatro paredes que ela fosse além, nos corredores da escola, conscientizando que este risos gerados sobres este sujeito é mal intencionado, que eles não são motivos de risos.

Outra parte que gerou discursões foi a negação dos alunos e a resistência, mas depois começaram a incentivar, dizendo: “vamos fazer, participar, é normal dar carinho nos amigos, não a nada demais”, ou seja, no final da oficina poder ouvir os discentes ressaltar frases assim, entendemos que surtiu efeito a oficina, e começaram todos a participar. No entanto ao longo das falas os preconceitos arraigados sobre, negros, homossexuais, lésbicas, percebemos que a nossa oficina estava tendo êxito, a partir da pratica pedagógica que Butler aborda:

No seu todo, um corpo estranho vai muito além de desafiar a reflexão e a prática pedagógicas, uma vez que coloca em xeque uma série de convenções estabelecidas no raciocínio intelectual e crítico. (BUTLER, 2003, p. 189-190)

Aquele corpo que é considerado “estranho” paralisa o/a outro/a, estagna todas as ideias que até então foram construídas como verdades ou acreditadas como natural, aí que entra a importância dos/das professores/as e nós – futuros/as docentes – trabalharmos com a identidade de gênero para tentarmos desnaturalizar e desconstruir tudo aquilo que até então foi ensinado através das relações hierárquicas e binaristas: masculino/feminino; negro (a) /branco (a); gordo (a) /magro (a), etc.

CONCLUSÕES

Percebemos a realidade dos alunos e alunas no cotidiano escolar em relação às discussões de gênero e étnico-raciais, o quão importante é analisar e debater sobre os discursos tradicionais e colonialistas que continuam a gerar preconceitos dentro da sala de aula, visando assim uma ampliação dos múltiplos conhecimentos. Observando também a importância de buscar o conhecimento prévio do/da aluno/a para em seguida trazer novas possibilidades, mostrando que o saber é uma produção histórica e não algo natural, dessa forma, é possível construir pontes entre os/as alunos/as com a diversidade.



Os resultados nem sempre serão agradáveis de imediato, nem surtirão efeitos igualitários a todos/as, no entanto, o necessário e importante é enfrentar cotidianamente os traços patriarcais que ainda é muito presente na sociedade. É trazer aos discentes, oportunidades novas nos capacitando para acolher as diferenças existentes no ambiente escolar e mostrando que as diferenças existem sim, e que isso não é motivo para piadas ou aberrações, mas que cada um/a deve vivenciar aquilo que lhe causa um bem-estar, pois, somos múltiplos/as.

A escola é um espaço reprodutor de preconceitos, emergindo uma violência simbólica a aqueles e aquelas que estão sujeitos a esta subjetividade e vulneráveis a qualquer reação de oposição, pois, á o medo da humilhação e do escândalo. No entanto, cabe a nós futuros educadores buscarmos métodos e conhecimentos que possibilitem uma desestabilização da heteronormatividade. Pensar a partir de uma perspectiva mais humanitária e igualitária, voltada para a ampliação dos diversos modos de vivenciar e experimentar a sexualidade, pois, a violência que é gerada contra os “grupos minoritários”, contra as pessoas que não se enquadram nesse “campo fechado” da heterossexualidade é crescente e absurda. Até quando vamos permitir isso? Até quando vamos continuar reproduzindo à abjeção aos rotulados “anormais”? Até que ponto permanecerá o silêncio?

REFERENCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FELIPE, Jane. **Educação para a sexualidade: uma proposta de formação docente**. In BRASIL, Ministério da Educação. *Salto para o futuro: educação para a igualdade de gênero*. Brasília: MEC, 2008. P.31-38.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO (Org) *Corpo Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.



LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.